

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Por que homenagear na Bahia um viajante da Amazônia e do Centro Oeste ?

Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu em Salvador em 27 de abril de 1756 e matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra em 1770. Dois anos mais tarde transferiu-se para a Faculdade de Filosofia e colou grau em Filosofia Natural em 1778.

Entre 1721 e 1771, 34.5 dos estudantes daquela universidade provinham da Bahia. (Fonseca F. T., 1999, *Scientiae thesaurus mirabilis: estudantes de origem brasileira na Universidade de Coimbra (1601-1850)*. *Rer. Port. História*, 33:527-559).

As explorações geográficas durante o século 18 tinham um objetivo eminentemente prático. Ambicionavam fazer conhecer as produções dos três reinos da natureza e os habitantes nativos das colônias portuguesas de além mar, e constituíam um capítulo importante da política econômica do reino. Pretendiam, ainda, proceder à introdução adaptação de espécies consideradas úteis, a fim de desenvolver a agricultura, a pecuária e a indústria incipiente nas colônias. O Real Gabinete de História Natural e Jardim Botânico, precursores do Museu da Ajuda, assim como a Real Academia das Ciências de Lisboa, para a qual Alexandre Rodrigues Ferreira foi eleito, deviam abrigar as coleções de história natural resultantes das viagens de exploração. Finalmente, destinavam-se a propiciar a colonização das terras limítrofes de Portugal e Espanha na América do Sul, fornecendo informações para a demarcação de fronteiras. A Reforma Educacional implantada pelo Marquês de Pombal em 1759 que expulsou os jesuítas de Portugal e colônias, estabeleceu o ensino laico, o que desorganizou o sistema de ensino estabelecido no Brasil.

Recém egresso de Coimbra, Alexandre Rodrigues Ferreira foi indicado por seu mestre Vandelli para chefiar uma expedição ao Brasil, viagem que se estendeu por quase dez anos e cujos resultados permaneceram inéditos por quase um século. Todos os autores que trataram dessa viagem ressaltaram o fato de que grande parte das coleções de história natural e documentos diversos foram extraviados e parte das coleções levadas para o Museu de Paris por Étienne Geoffroy de Saint Hilaire, que acompanhou Andoche Junot, comandante das tropas de Napoleão que invadiram Lisboa em 1808.

Alexandre Rodrigues Ferreira foi diretor interino e vice-diretor do Museu da Ajuda e nomeado oficial da Alfândega do Maranhão nas vésperas da chegada de D. João VI ao Brasil e faleceu em 23 de abril de 1815.

O fato de não ter utilizado a nomenclatura científica lineana na descrição pioneira de várias espécies, contrariando as instruções a serem seguidas pelos integrantes de expedições portuguesas, fez com que perdesse a prioridade de autoria.

Em 1945, Cândido de Mello Leitão (Novos rumos da biogeografia. *Rev.Bras.Geogr.* julho-set. 1945: 445-472) delimitou a Província Tupi. Em 1963, o botânico Carlos Toledo Rizzini (Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica do Brasil. *Rev.bras.Geogr.* 1963, 25(1): 1-64) mostrou como *...espécies hileanas aparecem no Nordeste seco, em nichos favoráveis (serras altas e litoral), congregando-se em massa no sul da Bahia e norte do Espírito Santo, onde as vastas florestas pluviais são puramente amazônicas ...*

A ocorrência de espécies amazônicas no Nordeste, como a salamandra do gênero *Bolitoglossa*, e o jupará na Bahia são dois exemplos que demonstram a importância de se utilizar um referencial biogeográfico e não político nos estudos de história natural.

Justifica-se, plenamente, a homenagem prestada a um baiano que empreendeu um conjunto de estudos dos mais importantes, não só sobre a história natural do Brasil Colônia, mas sobre os fundamentos da economia, do desenvolvimento, da sociologia, da geografia e da civilização brasileira no século 18.

Prof. Dr. Fernando Dias de Avila Pires & Martín R. Alvarez (2012)